

A VIDA DESCALÇO



ALAN PAULS

# A vida descalço

*Tradução*

Josely Vianna Baptista



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2006 by Alan Pauls

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

La vida descalzo

*Capa*

Violaine Cadinot

*Imagens de capa*

Menina e bola: Angelo Giampiccolo/ Shutterstock

Guarda-sol: Isabelle OHara/ Shutterstock

*Imagens de miolo*

Arquivo pessoal do autor

*Revisão*

Camila Saraiva

Eduardo Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Pauls, Alan

A vida descalço / Alan Pauls ; tradução Josely Vianna  
Baptista. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras,  
2023.

Título original: La vida descalzo.

ISBN 978-65-5921-393-1

1. Ficção argentina I. Título.

22-133928

CDD-Ar863

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura argentina Ar863

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2023]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialettras](https://twitter.com/cialettras)

*De dia, na praia, era outra coisa. Fala-se com estranha cautela quando se está seminu: as palavras não soam do mesmo jeito; cala-se, às vezes, e parece que o silêncio libera, por si só, palavras ambíguas.*

Cesare Pavese, *A praia*



Sonha-se muito na praia. O programa de uma noite normal em Cabo Polonio — a praia do Uruguai onde passo os verões há cinco anos — tem certo ar de família, com as seguidas maratonas que eu via com meu pai e meu irmão, quando éramos crianças, num cinema da Las Heras com a Agüero, o Roxy, demolido quando todos nós já havíamos esquecido o seu nome. Cada sonho, digamos, equivale a um filme. Cada noite inclui três ou quatro sonhos. Entre um sonho e outro, como nas velhas sessões do Roxy, há um intervalo. São lapsos precários, de duração incerta, nunca se sabe se premeditados ou acidentais, de modo que ou a gente fica onde está e espera quieto que a projeção seja retomada, ou se levanta e num pulo faz o que tem a fazer o mais rápido possível, para voltar a tempo do início do próximo filme.

Dado que na temporada de verão de 2005 a programação onírica foi especialmente frondosa, resolvi fazer um re-

gistro esporádico do que se passou. Transcrevo o que me coube na noite de quarta-feira, 16 de fevereiro.

Primeira sessão. Jack Nicholson nos convida a passar alguns dias em seu hotel de Los Angeles. Antes que a ação do sonho se inicie, como nos videoclipes que, na entrega do Oscar, ilustram a atuação ou a trajetória dos indicados, vejo uma montagem de cenas de Nicholson retiradas de filmes que não existem. Nicholson astronauta (manipula no ar uma maquininha de barbear não submetida às leis da gravidade). Nicholson astro de futebol americano (sofre uma lesão no ciático quando vai amarrar os cadarços das botinas). Nicholson astrólogo (desesperado, procura um mapa astral no meio de um maço de fotocópias de garotas nuas). A ação do sonho não começa nunca.

Segunda sessão. Uma galeria de arte. Em pleno vernissage, um escritor que conheço (que, a rigor, conheci bastante bem há muitos anos, quando ele ainda não era escritor, mas um quadro ascendente da juventude democrata-cristã, fanático por ficção científica e devoto da fé marista) comenta comigo em voz baixa os sérios problemas nos quais está metido outro escritor que conheço, que mora na França e sobre o qual eu, desconfiado por natureza de toda bondade que chame demasiadamente a atenção e muito mais, portanto, da espécie de altruísmo que se espalha alegremente aos quatro ventos, como um novo-rico espalha suas notas recém-saídas da fábrica, não consigo evitar que se espalhe o boato de que seja um dos representantes de Satanás na Terra.

Terceira sessão. Vou a um show de Miguel Mateos, o único outsider genuíno do rock nacional. Impressiona-me, principalmente, o público: rapazes de província de vinte



anos, engomados, vestidos de terno escuro, gravata fininha e sapatos abotinados. Noto que é o mesmo público que vai assistir aos pregadores que lotam os ex-cinemas da avenida Rivadavia, hoje reciclados para funcionarem como restaurantes self-service cristãos com crucifixos de neon, cortinas vermelho-sangue e tapetes sintéticos que transformam os fiéis em verdadeiras pilhas ambulantes.

Por que se sonha tanto na praia? Em Cabo Polonio, imagino, para compensar os efeitos de certa síndrome de abstinência. O lugar não tem luz elétrica — não tem cinema, televisão, não tem computadores —, e é tão indigente que as formas de comunicação publicitária mais elaboradas que tolera são as pichações da política municipal (*Chiruchi Putazo*, dizia uma de dois verões atrás, destinada, segundo me contaram, a cortar pela raiz a carreira de um candidato a prefeito) e os painéis dos cigarros Nevada, que, indiferentes a tudo, quase comunistas em sua intransigência, limitam-se a reproduzir com orgulho a clássica bicromia — vermelho, verde — da marca. Em outras palavras: sonha-se muito porque a praia é um território *livre de imagens*. Todo seu sex appeal — e também sua invejável capacidade de alienar — repousa nessa espécie de castidade icônica, que as paisagens marítimas só compartilham, creio, com um de seus dois precursores naturais: os desertos. (O outro precursor é a ilha.) A areia e o mar toleram mal a *atualidade* das imagens, não sua potência; diferentemente de paisagens como a selva ou a montanha, cujas nervuras e detalhes, de uma dramaticidade flagrante, sempre saltam à vista, têm uma textura homogênea, neutra, como de suportes ou superfícies, resistente a qualquer im-

pulso de figurar, mas, ao mesmo tempo, incrivelmente fértil na hora de inspirar figurações. Assim, os sonhos, com suas imagens virtuais, são para a praia o que as miragens são para o deserto: a *outra cena* de um espaço. (As imagens não podem coexistir com o espaço: só aparecem quando o espaço real se dissipou no sono ou na alucinação.)

Dessa equívoca relação entre a praia e as imagens derivava uma das grandes decepções de meu prontuário de férias: o drive-in. Eu tinha uns seis anos quando fui a um pela primeira vez, em Villa Gesell. Ele fora montado longe do centro, numa faixa perdida da zona norte, entre a Avenida 3 e o mar, e o promoviam com a pompa que merecem, em geral, os anseios mais espetaculares de modernização, como se comemorassem o milagre de ter importado a Disneyworld para um obscuro aterro do sul da província de Buenos Aires. Foi o primeiro e único que conheci, e essa primeira vez foi também a última. (A rigor, tudo o que sei sobre drive-ins aprendi depois, *no cinema*, vendo-os em filmes como *Targets*, de Peter Bogdanovich, cuja longa sequência final — um monstro sagrado dos filmes de terror que foge, uma perseguição, um tiroteio — acontece em meio a uma projeção num drive-in, contra um fundo onde se convulsiona, numa série de primeiros planos crispados,

a cara do próprio monstro que foge.) Quando chegamos, tão cedo, dada minha impaciência, que um funcionário mutante e sem modos, misto de bilheteiro, policial e *valet parker*, obrigou-nos a esperar lá fora até que a noite caísse completamente, eu estava tão excitado que meu pai, permissivo por natureza ou por culpa, e muito mais permissivo em fevereiro, não só por ser época de férias mas porque, separado havia anos de minha mãe, com quem eu passava os janeiros no campo, ensurdecido pelas cigarras na hora da sesta, ou em Mar del Plata, subindo e descendo encostas de bicicleta e me apaixonando por garotas impossíveis, entre elas uma altiva dupla de primas por afinidade, ele que se propusera a tarefa, quase a missão, executada com tanto afinco que mais de uma aspirante a namorada, incorporada a um desses veraneios com a ideia de enternecer meu pai compartilhando não apenas sua cama mas também os escombros de sua vida familiar, deve ter ficado pelo caminho, cuspidas como um caroço de azeitona por uma vida familiar suficientemente povoada para não precisar dela, de que a intensidade e o prazer de nossos fevereiros apagassem literalmente os janeiros passados com minha mãe, ele ameaçou me prender com o cinto de segurança se eu não me acalmasse. Resta saber se em 1967, efetivamente, os Fiat 600 tinham cintos de segurança nos bancos traseiros. Em nome de tudo o que o passado dota desses resplendores que nenhum presente jamais confirmará, mas que tampouco terá direito a desmentir, a tal ponto ambos, presente e passado, pertencem a jurisdições diferentes. Em todo caso, talvez por ter sido inesperada, a ameaça surtiu efeito. Fomos os primeiros a chegar, os primeiros a estacionar no

imenso pátio deserto — não sem nos demorarmos em marchas e contramarchas, porque meu pai, como o funcionário da entrada e os pouco mais de dez ou doze carros dispersos com os quais acabaríamos compartilhando aquela desoladora projeção inaugural, provavelmente a estreia mais desastrosa da história mundial do espetáculo ao ar livre, ignorava completamente o protocolo de comportamento em drive-ins — e os primeiros a ficar frente a frente, em meio ao esplendor da noite, com a única e verdadeira atração que essa variante do entretenimento norte-americano, filha do casamento da indústria automotiva com a do cinema, tinha para nos oferecer: uma gigantesca tela *completamente em branco*. Salvo o filme que anunciavam (*O calhambeque mágico*, provavelmente, ou *Esses homens maravilhosos e suas máquinas voadoras*, em todo o caso, um que havíamos visto há um ou dois anos, ao longo de três domingos seguidos, no Roxy da Las Heras com a Agüero) e que só vimos até a metade, quando um relâmpago que riscou o céu sem que nada o anunciasse deu-nos a força para ir embora que o tédio nos negava, eu me lembro de tudo: do cartão-postal imaginário de nosso carrinho com as luzes apagadas, imóvel no meio do estacionamento e sozinho diante da tela, como dois duelistas num mundo habitado apenas por seres inanimados e rudimentares, e depois do plano detalhe: eu sentado dentro do carro, na beirada do banco de trás, tentando não me deixar distrair pelas mil agulhinhas que o couro sintético do estofamento, ao se colar à pele, cravava em minhas coxas avermelhadas — outro dia passado sob o sol das nove da manhã às nove da noite, segundo a rotina draconiana com a qual meu pai parecia me